

## **FORMANDO-SE PROFESSOR: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO E OS PRIMEIROS PASSOS NA DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA**

MATHEUS CAMARGO LONGHI<sup>1</sup>:

ROSANGELA LURDES SPIRONELLO <sup>2</sup>:

*1Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – lonckx@gmail.com*

*2Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – spironello@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Ao ingressar no ensino superior, especialmente em um curso de licenciatura, iniciamos um processo de formação que vai além da simples aquisição de conhecimentos técnicos sobre nossa área de atuação. Durante a jornada acadêmica, somos apresentados a uma matriz curricular diversificada, composta por disciplinas que relacionam conteúdos próprios da futura atuação profissional e o desenvolvimento de metodologias de ensino essenciais para a prática docente. Em Geografia, por exemplo, isso inclui Geologia e Climatologia; em História, História do Brasil e do continente africano; além das disciplinas voltadas à formação metodológica necessária para o ensino (BATISTA; DAVID; FELTRIN, 2019).

No entanto, os conhecimentos adquiridos nessa etapa de formação não são suficientes, pois, como afirma TARDIF (2002), a formação docente é contínua, e os saberes disciplinares obtidos na graduação correspondem apenas a uma parte do que é necessário para a prática pedagógica.

Diante disso, é importante ressaltar que não é apenas por meio das disciplinas teóricas ofertadas na universidade que os futuros professores compreenderão plenamente o que significa ser docente. A ideia de que, ao concluir a graduação, estarão totalmente preparados para lecionar e enfrentar os desafios inerentes à profissão como se já estivessem inteiramente desenvolvidos como professores é equivocada. Nesse contexto LOPES (2017), salienta que, “os ventos que sopram da academia sempre são bem-vindos, entretanto não são os únicos ‘motores’ que podem fazer mover e desenvolver a profissão”.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de os futuros docentes vivenciarem, de fato, a realidade das salas de aula do ensino fundamental e médio. Para isso, programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e o estágio supervisionado tornam-se essenciais, pois inserem os licenciandos no cotidiano escolar, proporcionando experiências ricas e aprendizados que não seriam possíveis apenas por meio de disciplinas teóricas. Como destaca TARDIF (2002), a formação docente também demanda “saberes experienciais”, os quais só são construídos na prática pedagógica.

Com base nesses pressupostos, evidencia-se a importância do domínio teórico-metodológico e epistemológico da ciência geográfica, a fim de consolidar a formação docente e, assim, mediar o conhecimento em sala de aula de maneira mais efetiva.

Neste trabalho, tem-se como objetivo, compartilhar reflexões, anseios e até mesmo inseguranças decorrentes das experiências vivenciadas no PIBID e no estágio supervisionado. Na próxima seção, serão abordados, com maior

detalhamento, os desafios enfrentados durante essas práticas formativas, bem como as contribuições delas derivadas.

## **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

Durante o ano de 2023, ocorreu a abertura de um processo seletivo com a finalidade de ocupar vagas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Na época, este autor cursava o quinto semestre da licenciatura em Geografia. Naquele momento da formação, percebia que ainda apresentava pendências em relação à minha didática e à sua aplicação fora do ambiente acadêmico, isto é, em uma sala de aula real, com alunos que não eram universitários de Geografia. Diante disso, observei uma excelente oportunidade para aprimorar a metodologia e formação, o que me motivou a realizar a inscrição no processo seletivo onde atualmente ainda me encontro, agora no segundo edital, e no oitavo semestre do curso.

Graças ao PIBID, foi possível adquirir conhecimentos essenciais para minha formação docente, como a postura em sala de aula, algo que antes me causava certa insegurança, auxiliou-me também na relação com os alunos e a construção de um respeito mútuo entre professor e estudantes. Além disso, pude aprimorar minha didática, testando e identificando quais metodologias funcionam melhor em sala de aula. Essa experiência foi fundamental para o início do meu estágio. No entanto, ainda havia receios, principalmente em relação a lecionar sozinho, já que no PIBID sempre atuávamos em grupo, com dois ou três outros licenciandos. Assim, o estágio representou um momento decisivo para que eu pudesse pôr a prova minha formação como professor.

O estágio foi realizado em uma escola da rede municipal de Pelotas, e desde o início apresentou diversos desafios. Um deles foi a necessidade de reger duas turmas devido ao curto período disponível para cumprir as vinte horas-aulas exigidas. Nas primeiras aulas, percebi uma grande diferença de comportamento entre as turmas, já que uma era menor e mais tranquila, enquanto a outra, mais numerosa, demandava maior atenção frente a agitação. Isso exigiu posturas distintas, em uma, precisava conter a dispersão dos alunos, na outra, engajá-los constantemente, já que se mostravam tímidos com minha presença.

No início da regência, busquei conhecer melhor os alunos para adequar minha abordagem. Ambas as turmas demonstraram um perfil mais visual, o que influenciou a escolha de metodologias. Como o tema trabalhado pelo professor regente era "América do Sul e suas subdivisões", utilizei recursos como imagens, mapas e exemplos concretos como referências a desenhos animados situados na Cordilheira dos Andes para facilitar a compreensão.

Ao longo das aulas, outros desafios surgiram. Alguns alunos, mesmo estando no oitavo ano, tinham dificuldade para acompanhar explicações e fazer anotações. Para contornar esse problema, uma estratégia utilizada foi a distribuição de folhas com resumos dos conteúdos, que eram lidos em conjunto antes de serem colados nos cadernos. Essa estratégia agilizou o processo e garantiu que todos tivessem o material básico.

Outra dificuldade foi a aplicação de metodologias distintas para cada turma. Na turma maior, precisava constantemente redirecionar a atenção dos alunos, evitando conversas paralelas. Já na turma menor, o desafio era estimular a participação, pois a timidez dos estudantes limitava o diálogo.

Nas últimas semanas, a pedido do professor regente, foi elaborado uma avaliação. Optou-se por uma prova com cinco questões, mesclando descritivas e

objetivas. Nas aulas anteriores, ocorreu a revisão do conteúdo onde até mesmo foi incluído algumas questões discutidas com os alunos, que demonstraram oralmente, um bom entendimento. No entanto, na prova, muitos tiveram dificuldade em desenvolver respostas discursivas, sendo excessivamente diretos, mesmo após orientações para elaborar suas ideias. Isso evidenciou uma possível carência na produção escrita.

Este momento também foi fundamental para desenvolver um aspecto que está além da experiência universitária que é a efetiva integração entre teoria e prática, já que ao refletir sobre o processo de ensino, compreendemos que esses dois elementos devem estar intrinsecamente relacionados, pois não podemos admitir uma dicotomia entre eles, nisto essa percepção nos leva a concluir que teoria e prática se complementam reciprocamente, constituindo-se como dimensões indissociáveis do ato educativo uma não se realiza plenamente sem a outra (PIMENTA; LIMA, 2004).

Por fim, o estágio permitiu identificar falhas na minha didática que o PIBID, por sua natureza coletiva e compartilhada, não havia revelado. Se o programa me deu segurança para falar em público e noções básicas de metodologia, foi ao lecionar sozinho sendo responsável integralmente pela turma, que percebi com clareza aspectos que precisam ser reelaborados em minha prática pedagógica. Essa reflexão crítica foi crucial para minha formação, destacando como a experiência individual na docência complementa e aprofunda os aprendizados coletivos.

A vivência em sala de aula sem o apoio imediato dos colegas trouxe desafios diferentes, exigindo autonomia e autoavaliação constantes que se fizeram elementos essenciais para o meu desenvolvimento profissional, que só foi possível ser alcançado antes de minha formação durante a experiência aqui relatada do estágio.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio supervisionado possibilita, sem dúvida, uma experiência fundamental e transformadora para a formação como futuro professor de Geografia. Ao vivenciar o cotidiano de uma escola pública, percebe-se de maneira profunda e realista os desafios inerentes ao ambiente educacional, alguns dos quais sequer são mencionados nas discussões teóricas da universidade. Um dos aspectos mais marcantes foi a imprevisibilidade das reações dos alunos diante das metodologias que eu cuidadosamente planejava, o que me mostrou como a prática pedagógica exige flexibilidade e capacidade de adaptações constantes.

Ao longo do período, foi necessário desenvolver estratégias que iam muito além do conteúdo programático, como aprimoramento da movimentação em sala de aula para minimizar conversas paralelas e manter o engajamento dos estudantes. Consegui perceber que pequenos ajustes, como circular entre as fileiras e estabelecer um contato visual mais direto, faziam diferença significativa na dinâmica da turma. Além disso, vivenciei situações que demandaram soluções criativas, como a preparação de materiais impressos para alunos com dificuldades de acompanhamento, garantindo que todos os alunos pudessem acompanhar as temáticas abordadas. Outro ponto crucial foi a necessidade de ajustar minha postura como professor, equilibrando firmeza e empatia para conquistar o respeito da turma, algo que só se consolidou com o tempo e a experiência prática.

Essas vivências, que dificilmente seriam replicadas em um ambiente puramente acadêmico, reforçaram a importância não apenas do estágio, mas

também de programas como o PIBID na formação de professores. Ambos os momentos me permitiram confrontar diretamente a teoria aprendida na universidade com as demandas reais da sala de aula, desenvolvendo habilidades essenciais que nenhum livro ou seminário poderia ensinar de maneira tão efetiva. O estágio, em particular, funcionou como um verdadeiro laboratório de prática docente, onde erros e acertos se transformaram em aprendizados valiosos para minha futura atuação profissional.

Portanto, compreendo que essa experiência não apenas complementou minha formação teórica, mas também moldou minha identidade como educador, preparando-me para os desafios que encontrarei na carreira docente. A vivência em sala de aula me mostrou que ser professor vai muito além de dominar conteúdos, é sobre construir relações, adaptar-se a imprevistos e, acima de tudo, estar disposto a aprender constantemente com os alunos e com a própria prática. Essas lições, conquistadas por meio do estágio, serão levadas para toda a minha trajetória como professor de Geografia.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, N. L.; DE DAVID, C.; FELTRIN, T. Formação de professores de Geografia no Brasil: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, V.23, 2019.

LOPES, C S. Aprendizagem da Docência em Geografia no Âmbito do Estágio Supervisionado: a perspectiva de alunos e supervisores. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 14, p. 200-223, 2017.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2002.